

Encurralado

Uma decisão racional seria Putin aceitar o fracasso e voltar ao pré-24 de Fevereiro. Mas em regime autoritário, perder a guerra é perder o poder e às vezes a vida.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 21 de setembro de 2022

Quando em Fevereiro Putin relançou a guerra contra a Ucrânia que tinha iniciado em 2014, na Crimeia, quase todos pensaram que seria um passeio até Kiev. Uma guerra relâmpago que em poucas semanas ia tomar a capital, depor Zelensky, instaurar um governo fantoche e impor todas as condições. Isto é, o controlo total sobre a Ucrânia. Outra coisa não se esperava do quinto maior exército do mundo e uma das duas grandes potências nucleares. E não foi só Putin. Muitos no Ocidente pensaram que uma rendição rápida e algumas concessões territoriais seriam a melhor solução: contentariam o pequeno czar e tudo ficava por aí.

Em Munique, em 1938, os *appeasers* – Chamberlain e Daladier – também pensaram que Hitler ficava por ali. Enganaram-se redondamente.

A identidade ucraniana, a liderança do seu governo e a resposta do seu exército resistiram, heroicamente, à agressão. O apoio de um Ocidente unido – muito dinheiro, armas sofisticadas e *intelligence* militar – fez o resto. E as sanções à Rússia começaram a mostrar resultados. A resistência ucraniana era indesmentível, mas poucos acreditavam que fosse suficiente para reconquistar território e muito menos para uma vitória militar. Com os primeiros custos da economia de guerra - crise energética e inflação - regressaram os *appeasers* no Ocidente: não se pode humilhar Putin, deve-se negociar. Negociar, bem entendido, à custa do território dos outros. Comprava-se a paz em troca da cedência de território ucraniano e de caminho premiava-se a agressão russa.

Voltaram a enganar-se redondamente. Como a contra-ofensiva ucraniana mostrou. Numa semana recuperou 8800 km² no nordeste do seu território, que as tropas russas tinham levado seis meses a conquistar. E o que mais impressiona não é a força da ofensiva ucraniana, é a retirada caótica e a fraqueza russa: baixo moral, fraca liderança e falhas em homens e material. Não é o primeiro revés militar da Rússia. A retirada de Kiev e o afundamento do navio-almirante da frota do mar Negro são apenas os dois mais visíveis. Mas estes nunca foram assumidos e a narrativa encontrou sempre justificação - a retirada de Kiev foi para concentrar as tropas no Donbass e a causa do afundamento foi considerada uma explosão.

Com a recente contra-ofensiva tudo foi diferente. O Kremlin teve que assumir a derrota e as consequências não são apenas militares. Têm significado político: acabam de vez com o mito da invencibilidade russa e sugerem que é possível uma vitória ucraniana. O

que de resto se traduz na evolução dos objectivos de guerra. No início, o objectivo de Putin era toda a Ucrânia. Depois do fracasso de Kiev, apenas o Donbass e a costa do mar Negro. Até agora, não conseguiu nem um nem outro. No início, o objectivo da Ucrânia era a sua sobrevivência como Estado independente. Hoje, é a recuperação de todo o território, incluindo a Crimeia, a que acrescenta as indemnizações de guerra para reparar os danos nas infra-estruturas civis e na economia e a responsabilização pelos tribunais internacionais dos responsáveis pelos crimes de guerra.

Putin perdeu todos os objectivos políticos: o Ocidente está mais unido, a NATO mais próxima das suas fronteiras e a UE menos dependente da sua energia. Em sete meses de guerra não conseguiu nenhum dos seus objectivos militares. E está, progressivamente, mais isolado. No plano internacional, a “amizade sem limites” com a China já conheceu melhores dias e a Índia já exprimiu publicamente as suas preocupações com a guerra da Ucrânia. No plano interno, as críticas são cada vez mais audíveis: os liberais que acham que a “operação especial” nunca deveria ter existido; e os ultranacionalistas que acham Putin um fraco e reclamam mais força.

Putin está encurralado. E é aí que está o perigo. Uma decisão racional seria aceitar o fracasso e voltar ao pré-24 de Fevereiro. Mas em regime autoritário, perder a guerra é perder o poder e às vezes a vida. As outras alternativas são de escalada: a mobilização geral ou as armas químicas ou nucleares táticas. Ambas possíveis, mas pouco prováveis e de consequências desastrosas. Resta a Putin esperar pelo frio do Inverno e apostar na divisão do Ocidente. Os *appeasers* vão voltar e apelar ao cessar-fogo. Mas este não é, ainda, o tempo para negociações. A guerra ainda vai durar. E para o Ocidente o tempo é de se manter unido e apoiar a Ucrânia. Para que Kiev possa obter os melhores resultados no campo de batalha que lhe permitam uma posição mais forte à mesa das negociações. Quando o tempo chegar.

<https://www.publico.pt/2022/09/21/opiniao/opiniao/encurralado-2021224>